



Brasil: um paraíso para os capitalistas, e um inferno para os explorados.

Organizar a luta pelas reivindicações com real independência de classe!

Os jornais, a TV e as redes sociais dizem que a economia brasileira está ótima. A inflação está ao redor dos 3%, o dólar caiu, a bolsa de valores subiu, a nota de investimento dada ao país foi positiva, aprovaram-se o Arcabouço Fiscal e a reforma Tributária, venderam-se mais carros com os descontos dados pelo governo, e o governo vai financiar o agronegócio com R\$ 350 bilhões. O Marco Temporal, aprovado na Câmara dos Deputados, vai dar segurança jurídica para os capitalistas que montaram seus negócios em terras indígenas, exceto aquelas em que se provar que eram indígenas antes de 1988.

Mas, para as massas, o retrato do Brasil é outro. Vive-se com um salário mínimo de fome, que também já está fixado como miséria para 2024. Cerca de 90% recebem menos de 3 salários mínimos. O trabalho precarizado, sem carteira assinada, sem direitos trabalhistas, cresce cada vez mais em relação ao trabalho registrado e com direitos. O desemprego continua mantendo milhões de famílias na miséria absoluta. O número de moradores de rua só aumenta. As fábricas continuam sendo fechadas, e outras têm o trabalho suspenso, com os trabalhadores ficando sem seus salários, ou somente com parte deles. A educação sofre com as reformas do ensino, que expulsam estudantes trabalhadores das escolas, e com a precarização do trabalho de grande parte dos professores, que permanecem sem estabilidade, e recebem o chamado "subsídio" (assim como parte do funcionalismo), que não conta como salário para os direitos trabalhistas.

A política econômica do governo burguês de Frente Ampla de Lula/Alckmin tem como ponto central garantir que os parasitas do sistema financeiro possam ter seus ganhos garantidos, mesmo que para isso seja necessário cortar os gastos com saúde, educação, moradia, não haver reajuste salarial ao funcionalismo, nem contratação, e os investimentos públicos sejam os menores que já existiram. Essa é a essência do Arcabouço Fiscal, impedir que os gastos públicos subam e sustentar os parasitas da dívida pública. Seu complemento é a Reforma Tributária, que vai isentar ou reduzir os impostos pagos pelos capitalistas, que, com isso, vão ganhar ainda mais explorando os assalariados.

As direções das organizações de massas, as centrais, sindicatos, etc., estão subordinadas politicamente ao governo Lula. Na sua maioria, defenderam a aprovação do Arcabouço Fiscal e da Reforma Tributária. Aquelas que não fizeram isso, não foram capazes de levar às suas bases uma proposta de combate efetivo. Todas elas, em maior ou menor grau, foram coniventes com os acordos de demissões, nos fechamentos de fábricas, ou de medidas de lay off, etc., que destruíram empregos e vagas.

As campanhas salariais têm sido enterradas com reajustes muito abaixo das necessidades de recomposição dos salários, diante dos aumentos dos preços dos gêneros de primeira necessidade. E também não respondem aos novos ataques impostos pelos patrões e governos. Procuram desviá-las para o caminho das pressões e negociações institucionais, com os patrões e governos, ou para o parlamento e judiciário.

Algumas lutas acontecem, apesar disso. Mas são mantidas isoladas e divididas. Os governos e os patrões impõem a ilegalidade e as multas, além da repressão. As direções se apoiam nas pressões patronais para enterrar os movimentos. E reforçar o caminho derrotista, que é o de levar as reivindicações para o matadouro delas, o parlamento.

Por isso, é muito importante que levantemos as reivindicações como expressão das nossas reais necessidades, e não rebaixá-las àquilo que o governo e os patrões estão dispostos a conceder. Defendê-las com a unidade construída a partir da democracia operária, das assembleias de base em que se possa falar e defender propostas diferentes daquelas da direção. Usar os métodos da luta de classes, as greves, manifestações de ruas, ocupações de prédios e avenidas. Manter a independência de classe em relação a todos os governos, o que na prática é se colocar em oposição revolucionária a todos eles. Assim, poderemos dar passos na direção da transformação revolucionária do país em que vivemos, na direção da revolução proletária e do socialismo. ■

Em defesa dos salários e empregos: salário mínimo vital (suficiente para uma família de 4 pessoas)!

Reajuste automático de acordo com a inflação medida pelos trabalhadores! Nenhuma demissão!

Estabilidade a todos! Redução da jornada sem redução de salários, ao ponto de todos terem emprego (escala móvel das horas de trabalho)!

Emprego não se negocia, defende-se com luta! Convocar as assembleias de base, democráticas, para organizar a luta pelas reivindicações!

Unidade na luta de todos os explorados! Unificar as reivindicações em uma plataforma única para travar a luta nacional por elas, contra os governos e os patrões!

Abaixo o Arcabouço Fiscal e a Reforma Tributária do governo Lula/Alckmin!

Abaixo o Marco Temporal e pela defesa da demarcação das terras indígenas!

Por abaixo as reformas da Previdência e Trabalhista!

15º Congresso da CUT:

NENHUM APOIO AO GOVERNO BURGUESES DE FRENTE AMPLA DE LULA/ALCKMIN

Combater o Arcabouço Fiscal, e as contrarreformas nas ruas! Unificar a classe operária, que sofre com o desemprego, junto aos explorados, que sofrem com os baixos salários, a piora nas condições de vida, com a fome e a miséria

O 14º congresso da CUT, está marcado para o final de julho. A maior central sindical do país, e a que nasceu por meio das lutas operárias no final da ditadura militar, será dirigida exclusivamente pelos petistas, com apoio das correntes políticas que estão ao redor do PT e de sua estratégia burguesa. Com a eleição da chapa Lula/Alckmin, e por meio da política dessa direção, o 14º Congresso estará voltado a apoiar o governo burgueses. O que significa que não vai organizar a classe operária e o conjunto dos explorados do país para erguer uma plataforma de reivindicações, com mobilização nacional, por meio dos métodos da ação direta, que defendesse as reais necessidades da maioria nacional.

A estrutura da CUT e a sua organização nacional, com sindicalização em grandes e importantes setores operários, poderia ser uma alavanca para erguer um movimento nacional em defesa dos empregos, dos salários, dos direitos e contra a política privatista e pró-imperialista, que se manifesta, por exemplo, agora, na aprovação do Arcabouço Fiscal e Reforma Tributária por esse governo (como em 2017, com o governo Temer, na “Lei do Teto”).

Vivemos uma crise de direção profunda, com a estagnação dos sindicatos e das centrais, que são dirigidas há décadas por direções burocráticas desvinculadas dos interesses do conjunto dos trabalhadores, e voltadas a sustentar os governos burgueses, sejam de “direita” ou de “esquerda”, por meio de uma política de colaboração de classes, que não organiza as lutas, que aceita as demissões e os fecha-

mentos das fábricas, que não combate o desemprego e o subemprego, que permite o arrocho salarial e a destruição de direitos.

Contra esta política dessas direções, que parasitam os sindicatos e as Centrais, defendemos a vida de todos os explorados, erguendo as reivindicações elementares, de salário, de emprego, de direitos, a partir dos métodos de luta (paralisações, passeatas, atos, e greves), que poderiam e podem unificar toda classe operária e os demais trabalhadores do país, e garantir conquistas, com total independência de classe, com toda independência dos governos e dos capitalistas!

Levantar este programa geral de defesa da vida das massas é a razão de atuarmos, para construir as oposições revolucionárias em cada movimento e sindicato. Com a luta e com uma fração revolucionária no interior das lutas, será possível varrer com as direções sindicais burocráticas, e defender, inclusive, que exista uma Única Central, que só pode ser construída a partir da derrubada das direções atuais, a partir da real democracia operária. Acabaremos, assim, com a divisão imposta por mais de uma dezena de Centrais, que não servem aos explorados. Com as lutas gerais, com uma fração revolucionária no interior destas, será possível colocar em prática a democracia operária e a luta pela estratégia própria do proletariado, que é a estratégia de destruição do sistema de exploração, o sistema capitalista, erguendo o governo operário e camponês, saído da revolução social. ■

A luta do proletariado é internacional

Os capitalistas dividiram o mundo de acordo com seus interesses e forças. Os assalariados não têm pátria, lutamos por um mundo sem fronteiras, onde não existam explorados nem exploradores, um mundo socialista.

O mundo é governado por alguns países capitalistas desenvolvidos, que exploram a maioria dos outros. Esses países desenvolvidos são os imperialistas, onde se concentram as sedes dos monopólios e o capital financeiro. Cada avanço ou vitória desses países é uma vitória da burguesia mundial. E uma derrota do proletariado mundial.

Existem também os países onde aconteceu a revolução socialista. Os explorados expropriaram os grandes meios de produção – fábricas, terras, etc. – e os bancos. Colocaram os principais ramos da economia nas mãos de um Estado que surgiu das revoluções. Mas uma camada privilegiada expropriou o poder político e

econômico das massas e conformou uma burocracia autoritária, uma ditadura sobre as massas.

A situação mundial hoje é dominada pela disputa entre as potências imperialistas de um lado, encabeçada pelos Estados Unidos; e, de outro, as economias nacionalizadas dos Estados onde houve a Revolução Socialista, como na China e Rússia. A guerra na Ucrânia expressa essa disputa no campo militar. Mas existe também a guerra comercial, que pode e tende a avançar para a guerra. Vemos essa situação entre os Estados Unidos e a China.

Estamos pela derrota dos governos imperialistas dos Estados Unidos e Europa, em defesa da economia nacionalizada na Rússia e China. Mas não apoiamos seus governos, nem seus métodos burocráticos militares.

Na França, que gasta bilhões com a guerra na Ucrânia, os operários e demais explorados foram à luta contra a Reforma da Previdência, que o

governo Macron aprovou ditatorialmente, por decreto. E, mais recentemente, sua juventude foi às ruas para protestar contra a morte de um jovem africano pela polícia racista. As reivindicações das massas francesas se chocam com a ganância militar e autoritária do governo. Nossa solidariedade é com os operários e a juventude francesas. Que seu país pare de gastar com a guerra. Que deixe de fazer parte do aparato bélico que é a OTAN. Pela derrota da OTAN na Ucrânia!

Na Palestina, o governo burgueses judeu tem esmagado militarmente os palestinos, atacando até mesmo um campo de refugiados, onde 14 mil pessoas vivem em meio quilômetro quadrado. Defendemos os palestinos, seu direito à autodeterminação, e que o proletariado judeu lute contra seu governo, que tem caminhado para uma posição cada vez mais autoritária por meio de uma reforma judicial. ■